

Crise aumenta desigualdade no País

(Não Assinado)

RIO DE JANEIRO (Folhapress) - A desigualdade social brasileira, em queda desde o início da década, mudou de trajetória com o agravamento dos efeitos da crise econômica global sobre o país, desde outubro passado. Usado como referência para mensurar a concentração de renda de uma sociedade, o índice de Gini chegou a 0,571 em fevereiro, depois de ter atingido o piso de 0,560 em meados de 2008. O índice varia de zero a 1, sendo que zero representa a distribuição igualitária e 1, a concentração máxima.

Os dados constam do estudo “Crônica da Crise: Ressaca e Resiliência Recentes”, baseado na renda do trabalho medida pela Pesquisa Mensal do Emprego, do IBGE. A publicação mostra que o movimento mais brusco na desigualdade ocorreu em janeiro, quando, segundo o economista Marcelo Neri, da FGV (Fundação Getúlio Vargas), “a crise chegou ao brasileiro comum”.

Ele diz que, naquele mês, não foi apenas a classe AB que perdeu participação na estrutura social brasileira, o que vinha ocorrendo desde setembro de 2008. Também a classe C teve sua participação reduzida, em 2,2%. Em contrapartida, as classes D e E, em queda contínua desde fevereiro de 2003, voltaram a ganhar espaço. A participação delas cresceu, respectivamente, 3% e 6,7%, no que o pesquisador chamou de “ressaca de janeiro”.

“A gangorra se inverteu”, afirma Neri, que atribuiu o cenário à queda do PIB no quarto trimestre de 2008. “A queda de 3,6% chegou um pouco defasada na renda do brasileiro”, diz. No estudo, encaixam-se na faixa AB quem tem renda domiciliar total acima de R\$ 4.807. Na C, quem tem renda entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807; na D, entre R\$ 804 e R\$ 1.115; e na E, quem tem renda de até R\$ 804.

Para a professora Lena Lavinas, do Instituto de Economia da UFRJ, o dado não surpreende, já que o que havia promovido a redução da desigualdade no período pré-crise foi a retomada do crescimento econômico, do nível de emprego formal e dos rendimentos médios. “Na medida em que a crise leva à perda de postos de trabalho e à precarização do emprego, é mais do que esperado que a gente assista a uma interrupção na tendência de queda de desigualdade”, diz.